



**BACHARELADO EM HUMANIDADES
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS**

WASHINGTON BENTO DOS SANTOS DA HORA

**A CONSTRUÇÃO DO RACISMO NO BRASIL
E O GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA EM SALVADOR-BA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

WASHINGTON BENTO DOS SANTOS DA HORA

**A CONSTRUÇÃO DO RACISMO NO BRASIL
E O GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA EM SALVADOR-BA**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito básico de obtenção do título de Bacharel em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, sob a Orientação da Prof^a. Dr^a. Joyce Aquino Alves.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. JUSTIFICATIVA	5
3. OBJETIVO GERAL	6
3.1 Objetivos específicos	6
4. METODOLOGIA	6
5. REFERENCIAL TEÓRICO	8
5.1 A construção histórica do racismo em Salvador na década de 2006 a 2016	8
5.2 Genocídio Negro no Brasil e o debate do racismo e violência policial	9
5.3 A Tentativa e ambivalências de uma ideia fragmentada da construção de uma identidade cultural e racial negra no país	12
5.4 Psicologia do racismo na construção de uma identidade social	14
6. CRONOGRAMA	16
REFERÊNCIAS	17

1. INTRODUÇÃO

A elaboração dessa pesquisa visa mostrar o corpo negro como sujeito social e político, além de caracterizar o espaço que esses sujeitos estão, e a violência sofrida pelos mesmos, mostrando o perigo que é ser negro na nossa sociedade, onde constantemente ocorrem casos de violência que são naturalizados pela maioria da população.

O estudo tem como caráter principal destacar a égide desigual que foi forjada a sociedade brasileira onde a juventude negra é o principal alvo da violência, tendo como base a cidade de Salvador-BA, que é a cidade com maior contingente populacional preto do Brasil, onde se tem um encarceramento em massa da juventude negra, com cerca de 70% de detentos, segundo levantamento do IPEM (2006).

Nesse sentido, será analisado o conceito do genocídio negro na construção da história do Brasil e sua relação com o racismo e a violência em Salvador – BA na década de 2006 -2016.

O crescente aumento da violência em minha cidade natal Anguera-BA, foi a condicionante que me levou ao tema, além da morte de um amigo próximo, a cidade chegou a índices alarmantes de morte não naturais, atingindo majoritariamente jovens negros. O cenário instigou o estudo para fazer o mapeamento bibliográfico para sanar as dúvidas acerca das mortes e toda estrutura por trás dela.

O projeto tem o de caráter analisar a criminalização e observar o crescimento de mortes da nossa juventude negra e a égide por trás dela. Sendo que o direito à vida é artigo primeiro da constituição, a pergunta de pesquisa é se esse direito é preservado e como o estado age em relação a preservação dele? E como ele atua na distribuição do mesmo.

Na estrutura do estudo veremos inicialmente a conjuntura forjada pelas elites, no pós abolição e logo depois a tentativa frustrada de falar-se em uma falsa harmonia social. Para isso, estão na pesquisa, dados estatísticos sobre o encarceramento em massa de jovens negros além de trazer a visão e alguns autores que desmentem e teorizam essa ideia falaciosa de democracia racial, que em suas obras que denunciam essa farsa veementemente e comentam sobre racismo estrutural que se alicerçou na sociedade brasileira através do tempo, se perpetuando nos tempos atuais.

Tendo como foco as mortes de jovens na Bahia, com o recorte para a cidade de Salvador-BA.

2. JUSTIFICATIVA

A inquietação para o projeto surgiu primeiramente como necessidade no momento que tive que escolher um tema que despertasse meu interesse e ao mesmo tempo fosse relevante no debate acadêmico para descobrir mais sobre o genocídio e o racismo que extermina e estigmatiza uma gama social negra.

Foi então que surgiu a inquietação de saber mais sobre a violência estrutural que assola várias partes do país, atingindo preferencialmente a população negra. Então resolvi falar nesse projeto sobre a engrenagem por trás dessas mortes que tem um caráter genocida, onde toda uma estrutura é movida através de atos de violência, em que as classes dominantes calçaram a violência como aspecto de limpeza pública, diminuindo pessoas que não detém poder econômico as deixando a margem de direitos básicos. O que causou a ideia de falar acerca do tema foi o crescente aumento da violência em minha cidade natal, onde os índices de morte por armas de fogo cresceram assustadoramente, fazendo vítimas em sua maioria jovens na faixa etária dos 16 aos 30 anos em sua maioria. Atingindo majoritariamente jovens negros de baixa renda, sendo que esses jovens encontram em atos criminosos a principal saída para se manterem economicamente.

Nota-se que existe um fator econômico, que faz com que os atores sociais que em sua grande parte é preta são atingidos vorazmente nos casos de mortes ocorridas.

O que pensam que a situação do negro no Brasil não é apenas uma questão econômica, e não racista, não fazem esforço para entender como práticas racistas impedem ao negro o acesso na participação e na ascensão econômica. Ao separar raça e classe numa sociedade capitalista, comete-se um erro metodológico que dificulta a sua análise e os condena ao beco sem saída de uma explicação puramente economicista (MUNANGA 2009, p. 190).

A ideia inicial com o trabalho é catalogar os fatos históricos que levam a essa disparidade social onde o fenótipo é visto como principal relação entre as mortes ocorridas, também caberá no levantamento futuro analisar a estrutura e as relações econômicas e a cor dos sujeitos que são mortos e a condicionante para chegar a tal situação, o meio onde as pessoas que são vitimadas estão postas e uma passagem cronológica dos acontecimentos em nossa sociedade para chegar-se a essa realidade genocida nos tempos atuais.

3. OBJETIVO GERAL

Analisar o conceito genocídio negro na construção da história do Brasil e sua relação com o racismo e a violência em Salvador – BA na década de 2006 -2016.

3.1 Objetivos específicos

- Destacar os dados de morte contra a população negra em Salvador-BA;
- Compreender o conceito do Genocídio do Negro no contexto brasileiro;
- Identificar como o Genocídio Negro no Brasil se vincula ao debate do racismo e da violência policial;
- Verificar a partir das notícias de jornais e revistas entre 2006 e 2016 os fatos ocorridos acerca da violência e racismo em Salvador - BA;
- Analisar como a construção teórica do Genocídio do negro brasileiro reflete a realidade da morte contra juventude negra a partir dos fatos midiáticos.

4. METODOLOGIA

Durante o desenvolvimento da pesquisa, que abordará a construção de um raciocínio sobre o genocídio de cidadãos negros na sociedade, tendo como recorte a cidade de Salvador-BA. Uma ideia de um consciente coletivo onde a sociedade de maneira geral não percebe o racismo velado que existe e é mascarado pela mídia com seus jornais sensacionalistas que repassam as notícias de maneira superficial. Além de analisar as égides que edificaram a mesma e que estruturam e dão ênfase para uma série de desigualdades sociais.

Para tanto será usado um arcabouço metodológico, baseado nos métodos e técnicas da metodologia qualitativa, ajustáveis à natureza do problema, e a análise das fontes.

Durante o desenvolvimento da pesquisa será usado um arcabouço metodológico, baseado nos métodos e técnicas da metodologia qualitativa, ajustáveis ao objeto de pesquisa, e a análise das fontes.

A pesquisa é voltada para uma investigação prática, porém pura, com ênfase na obtenção de conhecimento no tema estudado, baseada nisso optou-se por desenvolver o estudo utilizando a pesquisa bibliográfica. A qual será realizada com o

intuito de recolher informações prévias, e constituir parte essencial para a fundamentação, visto que a pesquisa bibliográfica busca conhecer e analisar as contribuições teóricas sobre determinado assunto.

Qualquer espécie de pesquisa, em qualquer área, supõe e exige uma pesquisa bibliográfica prévia, quer para levantamento do *estado da arte* do tema, quer para fundamentação teórica, ou ainda justificar os limites e as contribuições da própria pesquisa (CERVO, et al, 2007, p. 60).

As técnicas utilizadas na coleta de dados serão inerentes ao tipo de pesquisa realizada.

A Pesquisa bibliográfica se constituirá de levantamento de informações de base teórica sobre raça, racismo e genocídio, para isso serão utilizados como referência a concepção Florestan Fernandes para um melhor entendimento da construção do sujeito negro e sua introdução na sociedade de classes, ela mostrará também a visão de Kenbeguele Munanga no que concerne o debate de racismo e a desconstrução do mesmo, Ana Flauzina que traz em suas concepções o debate de guerra as drogas como principal propagador do racismo e extermínio da população negra determinadas áreas onde pessoas consideradas indesejáveis sociais estão presentes, entre outros que legitimaram, ou fizeram críticas ao molde que a sociedade se constituiu. Além da apreciação de dados secundários de intuições públicas tais como Polícia Militar, IPEA e Ministério da Saúde e Mapas da violência, com foco nos dados sobre Salvador-BA.

As fontes usadas: Base de dados do IBGE, Literatura e relatórios emitidos por órgãos públicos que tratam da violência contra a população negra, para o debate teórico da violência contra os jovens negros em geral.

Todas as informações reunidas nas fases anteriores serão analisadas e interpretadas de acordo com o tipo de pesquisa executada.

A partir do referencial teórico pós-colonial citado e os materiais publicados acerca do fenômeno da violência e do genocídio, faremos Análise do conteúdo buscando identificar a frequência das palavras e das categorias entrelaçadas: violência, população negra e genocídio.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 A construção histórica do racismo em Salvador na década de 2006 a 2016

A construção do racismo em Salvador não é algo atual e sim histórico em seu desenvolvimento enquanto sociedade. O processo de higienização social ocorreu no Brasil no final da década de 1980, onde ocorreu uma verdadeira limpeza urbana, onde pessoas foram forçadas a irem para lugares onde hoje estão as favelas, essas pessoas que em sua maioria são negras, deixou suas raízes, para além do racismo como um resquício da escravatura.

Esses fatos mantiveram a égide de um pensamento retrógrado que se perdura hodiernamente, no qual o fenótipo das pessoas é visto como característica de negação. Quando se tem a pele preta, essa condição fica pior a depender do local onde a pessoa mora, os que moram em locais marginalizados e de baixa renda ficam expostos a diversas formas de violências que cidadãos com uma condição financeira maior não sofrem normalmente.

Segundo levantamento do Atlas da violência que teve como base, dados do Ministério da Saúde mostram um crescimento de 97% da violência no estado da Bahia entre 2006 a 2016. Em números absolutos, os homicídios na Bahia passaram de 3.311, em 2006, para 7.171, em 2016. Um aumento estimado de 116,6% no aumento de mortes consideradas violentas. Posicionando o estado na 6^o colocação no ranking de crimes desse tipo. Isso em um lugar que tem sua maioria negra. O que traz à tona o genocídio a população negra no Estado para além de tudo, nessa estrutura desigual está o encarceramento em massa dos jovens negros na cidade, os homicídios que atingem áreas marginalizadas da cidade.

O mais alarmante é que todos os Estados nesse ranking ficam entre o norte e o nordeste do país, reitera-se isso ao fato da população desses estados em sua maioria ser negra, e a Bahia tem um contingente ainda maior da sua população negra, em comparação ao resto do país.

Quando se traz como foco a ideia fundamental para a compreensão da discussão sobre os corpos atingidos com essa dinâmica de violência e a verticalização dela em áreas pauperizadas na maioria das vezes, sendo que, são nesses lugares que ocorrem uma série de mortes o movimento negro é uma voz que se faz presente

nas discursões sobre o tema, ganhando papel fundamental contra o extermínio em massa dos nossos jovens, como afirma Petrônio Domingues:

[...] Movimento negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural (DOMINGUES, 2007, p. 101)

No que tange a luta por uma afirmação dessa identidade de cor e ressignificação de outros aspectos culturais dá o movimento negro é quem chega mais perto, tanto na reafirmação de uma identidade negra, quanto na denúncia de seus jovens em um movimento de denúncia sobre o genocídio da sua população, e o seu encarceramento em massa.

5.2 Genocídio Negro no Brasil e o debate do racismo e violência policial

A relação do racismo no Brasil é algo estrutural, presume-se que teve origem na diáspora negra forçada para o continente americano no século XVI, chegando nos tempos atuais pode-se destacar violências como herança de anos da escravização do povo afrodescendente. Cabe salientar no trabalho alguns autores tratando o racismo como algo institucional, que é tratado com sutileza em várias partes da sociedade, como relata Gevanilda Santos (2005), destacando como é novo o reconhecimento do racismo institucional na sociedade e o tratamento de várias violações que acontecem nos âmbitos corporativistas e sociais em relação ao povo negro.

Os colonizadores europeus tentaram justificar através de traços biológicos e culturais a escravização da mão de obra negra para o continente americano. E mesmo após a abolição da escravatura o racismo se manteve em séculos de trabalho insalubre e de negação de direitos ao convívio social de forma harmônica, essa relação de sociedade foi legitimada por muito tempo, e o povo recém liberto é colocado de maneira tácita na obra de Gilberto Freyre Casa Grande Senzala (1933), o autor foi muito superficial em sua análise da escravidão no país, defendendo que a relação entre brancos e negros eram cordiais e uma série de devaneios. Não se pode negar a importância dele, porém, cabe destacar a suavidade que ele retrata a sociedade colonial, dando uma ideia de que todos ocupavam seu devido lugar no convívio social, ratificando que se vivia uma democracia social no Brasil, tirando o foco das desigualdades existentes.

A teoria da harmonia entre as raças, que começa a se consolidar a partir da década de 1920, parece ter cumprido funções distintas ao incidir sobre os diversos campos da vida social e da prática institucional no país. Em primeiro lugar, a partir de seu papel mais flagrante, enxerga-se a tentativa intransigente de negar a existência de racismo no Brasil. (FLAUZINA, 2017,46).

Florestan Fernandes (2008), tratou essa democracia como mera falácia, logo depois ele deu ao povo negro a verdadeira colocação que os cabiam, e mostrando as misérias que os mesmos sofriam, tendo dito que o lugar que os foram dados, foi um lugar a margem de direitos civis básicos para ao povo recém liberto. Sendo que a partir da libertação, os que antes haviam sido escravizados, foram abandonados à sua própria sorte, não ganhando remuneração e sua mão de obra foi substituída por mão de obra estrangeira, portanto, a estrutura desigual de negação se manteve após a assinatura da lei áurea em 1888.

Foi então que a democracia racial apareceu como uma alternativa de dominação que evitava o confronto direto, preservando as assimetrias raciais. A partir dessa perspectiva, o trato da questão racial se dá pelo avesso, numa dinâmica de silenciamento que impede a enunciação do racismo. (FLAUZINA, 2017, p. 48)

Essa estrutura de negação é vista atualmente em ambientes sociais e corporativos, dando ao negro a imagem subalternizada de anos atrás, como é trago por Gevanilda Santos:

A ideia do racismo institucional é recente na sociedade brasileira. Surgiu nas duas últimas décadas com o Movimento Negro Brasileiro denunciando as desigualdades sociais nas instituições do mercado de trabalho, da saúde, da educação, da segurança pública e até nas atividades de lazer. Além de serem mantidas essa estrutura de negação, também foi mantida uma violência institucional contra o povo negro liberto (SANTOS, 2005, p. 47).

Portanto cabe dizer que o racismo vai além da discriminação pela cor da pele, chegando a mexer com o pensamento humano a tal maneira que as relações interpessoais ficam em voga, tendo influência nos âmbitos de trabalho e distinções nas abordagens policiais por exemplo. Esse papel do Estado como instituição que mantém as assimetrias sociais, que instituem as relações de poder e como forma de

divisão social, estigmatizando os negros e outros povos como bárbaros, diminuindo sua cultura.

Isto constitui para FOUCAULT (2005), uma relação do biopoder, onde uma raça age de maneira a aniquilação de outra tida por ela como inferior minimizando seus aspectos e particularidades.

{...}, portanto racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano. A justaposição, ou melhor, o funcionamento, através do biopoder do velho poder soberano do direito de morte implica o funcionamento, a introdução e a ativação do racismo. E é aí, creio eu, que efetivamente ele se enraíza (FOUCAULT, 2005, p. 309).

Já o racismo fica entrelaçado nas relações pessoais no convívio cotidiano e profissional, são dados ao segmento da população negra, na maioria das vezes os refugos do capitalismo, com isso, eles ocupam na maioria das vezes cargos considerados menores em relação a pessoas brancas.

Outra propagadora da violência e desigualdade sociais é polícia militar, enquanto instituição estatal tem sido a principal corporação que mantém suas concepções para o extermínio direcionado a uma parte da população. A relação do patrimônio privado e a violência estrutural assumiu um papel preponderante nos casos de mortes, sendo que a polícia assumiu o papel de proteger os bens materiais em detrimento da vida.

HOLLOWAY (1997), explica que a polícia assumiu o papel de proteger o patrimônio privado em detrimento de pessoas de um segmento populacional marginalizado. Essa camada, representada basicamente por indivíduos, jovens, pobres, territorialmente localizados e negros.

Desde o início a polícia se organizou como instituição militar, de modo que sua força coercitiva podia ser controlada pela disciplina, canalizada pela hierarquia e dirigida a alvos específicos. A justificativa fundamental das organizações militares é concentrar, regular e dirigir forças contra o inimigo. O inimigo do Rio de Janeiro era a própria sociedade – não a sociedade como um todo, mas os que violavam as regras de comportamento estabelecidas pela elite política que criou a polícia e dirigiu a sua ação (HOLLOWAY, 1997, p. 50).

Além da polícia que foi criada para a manutenção da ordem forjada pela elite econômica no início dos anos de 1970 e chegou com força no Brasil, a milícia. Um poder paralelo onde o mercado de drogas ilícitas ganhou bastante notoriedade,

movimentando uma vasta quantidade monetária buscando a criminalização de certos atores de menor expressão e classes vulneráveis.

Apoiando no discurso de demonização dos atores miúdos e sem real importância nesse empreendimento multimilionário, um verdadeiro “narcogenocídio” serve para atualizar o extermínio, que não desaparece da plataforma política das elites. Encontrou-se efetivamente, nesse domínio, a nova desculpa para prosseguir com a velha batalha (FLAUZINA, 2017, p. 104).

Com o aumento da punibilidade contra essa parcela da população, também cresceu o medo em outra camada da sociedade, o que fez aumentar o lucro em segurança privada, que é uma indústria lucrativa, que move um alto percentual de investimento.

De acordo com Luís Mir, enquanto vários setores da economia experimentaram uma redução de lucratividade, os lucros do setor de segurança privada cresceram em torno de 4% a 5% ao ano, passando 6,9 bilhões em 1994 para R\$ 14,5 bilhões ao ano em 2001 (FLAUZINA, 2017, p. 105).

Sendo assim, a engrenagem que move essa lógica genocida ganha foco, e pode-se notar por trás dela toda uma teia onde os atores miúdos são os segmentos populacionais pobres e negros na maioria das vezes, recebendo repressão da parte armada da sociedade.

5.3 A Tentativa e ambivalências de uma ideia fragmentada da construção de uma identidade cultural e racial negra no país

Ao decorrer da narrativa mostra-se como foi difundido no contexto social brasileiro uma lógica perversa vinda do modelo norte americano, onde o segmento negro da população é visto de maneira inferior e também se destaca a ideia da criação de um consciente coletivo, ou seja, a população em geral acha normal a morte de determinadas pessoas, achando que com essas mortes haveria uma forma para que a sociedade se mantenha sem mortes de uma determinada condição social majoritariamente branca. O que se entende com isso é um projeto de limpeza social, onde a vida que importa ocupa determinado lugar na sociedade. Munanga (2009), diz que uma das maneiras de chegar a um convívio social mais harmônico, onde não

aconteceria essas violências tão brutais como ocorreu e continua ocorrendo na sociedade atual.

No que se refere a identidade do negro na sociedade e suas especificidades, Munanga (2009) fala que:

Talvez seja necessário para mostrar essa diversidade contextual, considerar alguns fatores tidos como componentes essenciais na construção de uma identidade ou uma forma de uma personalidade coletiva, a saber: o fator histórico, o fator linguístico e o fator psicológico (MUNANGA, 2009, p.12).

Ele também ressalta os meios para chegar-se ao consciente coletivo reverso da existente que estigmatiza uma parte da população que é negra, onde essas ideias racistas de maneira tácita iriam diminuir, em contramão as maneiras que são propagados como as simbologias do ser branco como o bom, a quebra desse paradigma seria também a quebra de certos estereótipos em relação ao segmento negro e conseqüentemente quebra de alguns mitos que serão destruídos gradativamente. Trazendo para o âmbito nacional Munanga (2009) retrata que:

Como se percebe, o conceito de identidade recobre uma realidade muito mais complexa do que se pensa, englobando fatores históricos, psicológicos, linguísticos, culturais, políticos-ideológicos e raciais (MUNANGA, 1998, p. 143-146).

Sendo assim, se abriria um leque de opções para pensar-se o que é ser negro, destacando suas singularidades e todo seu potencial, destacando sua cultura como algo relevante e de grande valia para a sociedade em geral, retirando essa imagem subalternizada culturalmente, que por muito tempo foi colocada escondendo toda sua contribuição para a construção do país.

Na estrutura social o povo negro foi posto a margem de direitos básicos e um projeto de eugenia foi lançado como foi destacado anteriormente no texto, que tudo se deu em um processo de embranquecimento da sociedade brasileira. Contudo, alguns escritores tentaram implantar um falso mito da democracia social no país.

Com essa estrutura desigual a sociedade se formou de maneira onde a população marginalizada que em sua maioria são negros, ficaram aquém de direitos, além de permanecerem reféns de várias desigualdades sócias, tal como a violência estrutural que foi posta a ela nesse sistema tendencioso para a manutenção do poder de algumas classes mais privilegiadas em detrimento da maior parte da população. Observa-se esse projeto como a engrenagem de um projeto punitivo com uma série

de dualidades, típico de uma sociedade calcada de forma desigual e racista que absorveu traços norte-americanos, e de algumas outras potências, onde algumas lógicas punitivas sejam perpetuadas e midiaticizadas, onde quem sofre com essa vivência trágica legitime essa violação como bem relata Flauzina (2017):

Criminologia latino-americana e, muito especialmente a brasileira, vive um momento decisivo. Com uma realidade que começa a não caber mais em si, aparecem, irremediavelmente, duas direções não conciliáveis de um lado, já se consolida uma construção teórica que, apesar de reconhecer as inquietudes estruturais próprias da religião, recusa-se a trabalhar sua complexidade, tratando a questão racial como um apêndice da estrutura dos sistemas da periferia para o centro da análise, presente uma formulação que atinge não somente os aparelhos repressivos, mas a própria narrativa da formação dos Estados e tudo o que disso decorre (FLAUZINA, 2017, p. 45).

Partindo desse pressuposto, pode-se notar que a violência social é muito calcada pelo racismo estrutural em que o cidadão de pele retinta é principal alvo do genocídio que acontece na sociedade. Sendo assim Flauzina (2017) compreende o genocídio que acontece nos tempos atuais como uma lógica para a manutenção de uma dita ordem vigente, que atua de maneira sutil, onde são acometidos uma série de vítimas em vulnerabilidade social, e em áreas marginalizadas pelo Estado.

5.4 Psicologia do racismo na construção de uma identidade social

A consciência de cor vai no que diz respeito a assimilação de alguns pensamentos, tal como o ocidental, soma-se isso ao fato do negro sempre ser visto como algo ruim, reforçando assim a ideia de que pessoas com a pele retinta são vistas de maneira estigmatizada, como salienta Fanon (2008). Na Europa, o mal é representado negro. É preciso avançar lentamente, nós o sabemos, mas é difícil. (FANON, 2008, p. 160)

Denota-se com essa ideia que a Europa e todo o ocidente que tem em sua cultura inspirada na mesma veem o povo negro e sua cultura como algo ruim, e como cultura do atraso e todos que absorvem essa cultura vão ver essas acepções dessa maneira. Fanon (2008) explica:

Da mesma forma que um jovem camponês dos Cárpatos, nas condições físico-químicas da região, será provavelmente acometido de mixema, igualmente um negro como René Maran, tendo vivido na França, respirado, ingerido os mitos e os preconceitos da Europa racista, assimilado o

inconsciente coletivo desta Europa, se ele perder sua unidade psíquica terminará assimilado a raiva contra o preto (FANON, 2008, p. 160).

Compreende-se com isso e os demais dados obtidos na pesquisa como elementos principais na construção do racismo no país, e principalmente em Salvador-BA esse preconceito é visto de forma nítida nas abordagens policiais que na maioria das vezes tem na cor do suspeito como principal fator nas suas abordagens, sendo reafirmado sempre na visão de muitos estudos através do tempo.

Diante de tal cenário, a alternativa foi naturalizar a estreita relação entre sistema penal e racismo, convertendo-o numa variável adjetiva da atuação discriminatória do empreendimento de controle, O sistema penal é racista, ponto. Se os efeitos de tal afirmação são amplamente conhecidos, é fundamental que se resguardem as condições de sua materialização, as forças que animam uma atuação tão flagrantemente desigual. (FLAUZINA,2017, p. 52).

Então a base principal da pesquisa será expor mais a fundo a estrutura desigual que foi moldada na sociedade soteropolitana e brasileira no passado para um melhor entendimento da realidade genocida que permanecesse nos tempos atuais. E um melhor reavivamento da caminhada política do povo negro no Brasil, Florestan Fernandes inicia o livro integração do negro na sociedade de classes dando um papel de sujeito social a ele, sendo um dos primeiros a fazer tal feito na década de 70, dando um papel de existência social e enaltecendo a luta por espaço na sociedade. Florestan 1964, afirma que o papel da militância para o negro é um papel preponderante em sua reafirmação enquanto sujeitos sociais, Para ele no país de negros e mulatos, onde o futuro sempre estará nas mão de novo proletariado que se forma tanto para superar o racismo e também para superar a exploração de classe, reafirmando o papel social do povo preto na sociedade, destacando suas contribuições, sendo assim, o preconceito racial irá diminuir cada vez mais.

6. CRONOGRAMA

Atividade	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro/ 2021
Levantamento Bibliográfico	X	X				
Tratamento de dados			X	X		
Relatório de pesquisa				X	X	X

REFERÊNCIAS

ATLAS DA VIOLÊNCIA. Homicídios por arma de fogo.

<<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/31>> Acesso em: 05/08/2019

BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

Campanha Reaja ou Será Morto Reaja ou Será Morta. In: Reaja nas ruas.

Disponível em: <<http://reajanasruas.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>>. Acesso em: 03/maio/2018.

CHAUÍ, Marilena. Uma ideologia perversa: explicações para a violência impedem que a violência se torne compreensível. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 de março de 1999. Caderno mais, p. 3-5, 1999. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/dc_1_4.htm>. Acesso em: 03/maio/2018.

HOLLOOWAY, Thomas. A polícia do Rio de Janeiro: repressão e resistência numa cidade do século XIX. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio

Vargas, 1997. <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/anguera/panorama>>. Acesso em 05/04/2018

MUNANGA, Kebengele. Negritude usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção cultura negra e identidade.)

FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro, RJ : Civilização Brasileira, 1968.

FERNANDES, Florestan. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo: Editora Globo, 2008.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes,

1987. Anguera online. <<http://www.angueraonlineba.com/>> Acesso em: 13 abril de 2018.

PORTAL CARTA CAPITAL. Educação, diversidade e Direitos Humanos. Disponível em: <<http://negrobelchior.cartacapital.com.br/>> Acesso em 17 abril. 2018.

PORTAL O PENSADOR. Racionais: tem que acreditar desde cedo a mãe da...

Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/NTM3MDQ1/>> Acesso em: 05/08/2019

PORTAL UOL. Atlas da Violência: 123 dos municípios brasileiros concentram

metade dos homicídios do país... <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/06/15/atlas-da-violencia-22-dos-municipios-brasileiros-concentram-metade-dos-homicidios-do-pais.htm>> Acesso em 05/08/2019.

BATISTA, Nilo. “A violência do Estado e os aparelhos policiais”. Discursos sediciosos. Crime, direito e sociedade, ano 2, 1997.

FLAUZINA, “Ana Luiza Pinheiro. Corpo Negro Caído no Chão”. O sistema Penal e o Projeto Genocida do Estado Brasileiro. Brasília: Brado Negro, 2017.